



março 2024

Entrevista do mês

Na edição de março da newsletter, Vicente Vieira, Presidente da Secção de Anestesia e Vogal da Direção da APCA, refletiu sobre as atividades realizadas a propósito do "Webinar APCA - Uso avançado da máscara laríngea em Cirurgia Ambulatória", que decorreu no dia 20 de fevereiro de 2024, em formato *online*.

"A principal conclusão extraída deste evento é que a formação e treino multidisciplinar contribui indubitavelmente para a promoção da segurança da utilização das máscaras laríngeas, com ganhos quer a nível da eficiência do processo, quer a nível da satisfação dos doentes"



Que balanço pode fazer desta sessão?

Vicente Vieira (VV): O balanço é, sem dúvida muito positivo. Eu diria que este evento superou todas as expectativas em termos de participação e interesse despertado. Inicialmente, este webinar foi concebido como uma oportunidade formativa que a Secção de Anestesiologia da APCA quis oferecer aos Internos de Anestesiologia do nosso país. Como é óbvio, a APCA ofereceu a todos os seus associados a possibilidade de assistir gratuitamente ao evento, dando-lhes a oportunidade de também contribuir para a discussão do Tema com a sua experiência clínica.

A adesão de participantes foi, então, positiva?

VV: Correto. Aos internos da Anestesiologia, juntaram-se muitos especialistas e enfermeiros do Bloco operatório, totalizando cerca de 250 inscritos. Durante a sessão, tivemos uma assistência ao vivo que variou entre os 160 e 180, que foi particularmente interventiva durante os mais de 30 minutos de debate final, colocando aos palestrantes e moderadores, inúmeras questões que geraram bastante controvérsia entre todos.

Porque é que o uso avançado da máscara laríngea é importante no contexto da Cirurgia Ambulatória?

VV: A máscara laríngea, quando corretamente usada, é um dispositivo de via aérea que permite, com segurança para o doente e comodidade para o anestesista, evitar o recurso à intubação orotraqueal. Com esta estratégia minimamente invasiva da via aérea, o anestesista consegue reduzir, ou mesmo evitar o uso de fármacos que têm efeitos secundários indesejáveis e que comprometem a eficiência desejada para o circuito do doente em Cirurgia Ambulatória. Da mesma maneira, ao evitar-se a intubação orotraqueal, também se reduzem complicações do pós operatório com a dor de garganta, a rouquidão, a disfagia e a disfonia.

Quais foram os *hot topics* explorados na iniciativa?

VV: Neste webinar os temas em discussão foram a “Utilização da máscara laríngea em cirurgia laparoscópica”, apresentado pela Dr.^a Ana Cristina Midões (anestesiologista no Hospital de Braga) e a “Utilização da máscara laríngea em decúbito ventral”, apresentado pela Dr.^a Adriana Rodrigues (anestesiologista no Hospital de Guimarães).

Quais são os desafios e oportunidades que envolvem este tema?

VV: Estes dispositivos supraglóticos têm sofrido uma evolução tecnológica no seu design, que tem permitido aos anestesistas utilizá-los cada vez mais, e com maior segurança, em situações onde antigamente tinham uma contra-indicação relativa, dado o risco potencial de regurgitação com aspiração de conteúdo gástrico. A cirurgia laparoscópica e o posicionamento em decúbito ventral eram duas destas situações, devido ao aumento da pressão abdominal que ambas acarretam. Porém, como ambas palestrantes demonstram, já há evidência científica suficiente que garante que, com as devidas precauções e experiência do anestesista, o risco de ocorrência desta complicação quando se usa a máscara laríngea adequada, é sobreponível ao da Intubação orotraqueal.

Pode destacar algumas das práticas recomendadas para garantir o sucesso dos procedimentos?

VV: A escolha do tipo de máscara laríngea é fundamental. Nas duas situações em apreço, a escolha de uma máscara de segunda geração é mandatória, uma vez que a incorporação no dispositivo de um canal para drenagem gástrica permite esvaziar o estômago, não só do conteúdo líquido, mas também do ar que o faz distender provocando a regurgitação.

A realização do teste de pressão de selagem é uma prática pouco adoptada, mas que

deverá ser fomentada, uma vez que permite ao anestesista conhecer o valor máximo de pressão, permitido a ventilação com pressão positiva durante o ato anestésico e evitando assim as fugas de ar que podem contribuir para a insuflação gástrica.

Existe alguma conclusão ou momento que gostasse de recordar, fruto da discussão entre profissionais de saúde?

VV: A principal conclusão extraída deste evento é que a formação e treino multidisciplinar contribui indubitavelmente para a promoção da segurança da utilização das máscaras laringeas, com ganhos quer a nível da eficiência do processo, quer a nível da satisfação dos doentes.

Existe alguma previsão da APCA voltar a abordar questões da via aérea ou anestésicas vocacionadas para a Cirurgia Ambulatória?

VV: Sim. Já existem planos para realizar um segundo webinar relacionado à utilização das Máscaras Laringeas em outros contextos controversos, mas a data, os temas e os palestrantes ainda não estão definidos. No entanto, após o *feedback* tão positivo que recebemos de todos os participantes, a expectativa é elevadíssima.

De que formas considera que encontros deste cariz contribuem para a missão da APCA?

VV: Estas iniciativas são fundamentais, não só para a discussão de assuntos tecnicamente relevantes para uma ou outra especialidade, mas sobretudo para a promoção dessa discussão num âmbito multidisciplinar, onde a formação científica decorre num verdadeiro ambiente de equipa. No nosso dia a dia é importantíssimo que todos os diferentes intervenientes percebam as estratégias que cada um pretende adotar de forma a garantir aquilo que é comum a todos e que está no centro da atenção de todos: o doente.

Siga as nossas notícias nas redes sociais e no nosso website!



You received this email because you are registered with APCA - Associação Portuguesa de Cirurgia Ambulatória
[Unsubscribe here](#)



